

Avança estudo sobre Canecão e dez terrenos

KELVIN MELO

kelvin@adufrrj.org.br

Oito anos após o fechamento do Canecão, avança a negociação da UFRJ com o BNDES para permitir à universidade construir um novo centro cultural no local onde funcionava a antiga casa de espetáculos. Diante da pressão da opinião pública e dos órgãos de controle pela reabertura do espaço, foi firmado um contrato com o BNDES para avaliar os ativos imobiliários da universidade. Professores também participam da comissão.

Em troca do direito de uso sobre dez terrenos da UFRJ – 8 na Cidade Universitária, 1 no Centro e 1 na Praia Vermelha, somando 429 mil m² –, as empresas vão realizar obras de infraestrutura na universidade. Entre elas, bandejões, alojamentos, terminar construções e um centro cultural onde ficava o Canecão. Foi justamente a cobrança por uma solução para o prédio do velho Canecão que conduziu ao atual modelo. “É uma dívida com a sociedade. Até na feira me perguntam pelo Canecão”, já disse o reitor Roberto Leher em um Consuni.

A “troca” com as empresas será direta, sem dinheiro envolvido. Foi a forma encontrada pela UFRJ para evitar “confiscos” nas receitas próprias da



DEZ TERRENOS São 374 mil m² no Fundão, até 55 mil m² na Praia Vermelha e 832 m² no Centro

universidade, decorrentes de aluguéis, entre outras fontes. Hoje, se o governo não autoriza os gastos, o dinheiro fica no Tesouro Nacional.

A reitoria prevê para janeiro as primeiras conversas com os representantes da consultoria escolhida pelo BNDES: um consórcio liderado pelo banco de

investimentos paulista Fator. No último dia 3, na Praia Vermelha, a reitoria solicitou à comunidade acadêmica que debata prioridades de infraestrutura: “Temos de mergulhar nisso. As expectativas serão calibradas pela realidade. Mas precisam estar definidas e pactuadas”, disse Leher.

PRINT: CAPES COBRA DADOS DE UM DIA PARA O OUTRO

Os coordenadores de projeto do Programa Institucional de Internacionalização foram surpreendidos por uma solicitação da Capes, no último dia 5: preencher um longo e detalhado formulário eletrônico até as 14h do dia seguinte. “São muitos dados sobre o pro-

jeto”, afirmou preocupada Silvana Allodi, professora do Instituto de Biofísica. Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, Leila Rodrigues criticou o processo junto à agência de fomento. “Concomitante ao registro de nossa insatisfação, tentamos cumprir os prazos, por mais

absurdos que sejam”, disse. “Isso tem sobrecarregado não só os coordenadores, mas também a equipe técnica da pró-reitoria”, completou. A UFRJ terá R\$ 56 milhões pelos próximos quatro anos, via Print. A Capes não respondeu aos questionamentos da reportagem.

FOTOS: FERNANDO SOUZA

Fundão perde 84 vigias, e Diseg só tem quatro carros

FERNANDA DA ESCÓSSIA
E MATHIAS FELIPE
comunica@adufjr.org.br

Alvo constante de crimes, o campus do Fundão enfrenta novas e velhas ameaças à sua já frágil segurança. A partir de janeiro, o campus terá 84 vigilantes terceirizados a menos — dos 552 que atuam na Cidade Universitária. Há risco de os estacionamentos ficarem sem vigilância. O número de carros furtados subiu de 36 em 2017 para 43 até novembro de 2018 na Cidade Universitária.

Para piorar, após sete meses de negociação, empacou o convênio do Proeis, que previa PMs de folga no policiamento. Segundo a reitoria, a UFRJ recebeu parecer negativo da Procuradoria do Estado do Rio para o modelo proposto, com financiamento da Petrobras.

Contratados pela Front, os vigias terceirizados não receberam a primeira parcela do 13º salário, vencida em 30 de novembro. “O trabalhador é penalizado”, afirmou o presidente do sindicato, Antônio Carlos de Oliveira. A assembleia de professores aprovou moção pedindo explicações à reitoria sobre o assunto.

Enquanto isso, a Divisão de Seguran-



MATHIAS FELIPE

PRÉDIO DA DISEG: por fora e por dentro, precariedade visível, com armas e carros ultrapassados

ça (Diseg) da UFRJ, com cerca de cem técnicos, vive há anos na penúria. Os coletes à prova de bala estão vencidos, e o armamento é obsoleto. “Não temos como enfrentar traficante armado de fuzil”, afirma a vigilante Maria Buçard.

Há quatro carros em funcionamento e mais dois fora de operação. Os carros não têm rádio. Há dois anos estão prometidos quatro veículos. Os banheiros estão sujos, e os armários, enferrujados. O telefone só funciona às vezes.

Depois dos sequestros-relâmpago em março, o policiamento foi reforçado e o Exército passou a guardar as saídas do Fundão. O número de ocorrências caiu.

A Reitoria diz que precisou rever contratos frente a um déficit de R\$ 100

milhões e que estuda como redistribuir os vigilantes. O pró-reitor Roberto Gambine reconhece uma dívida antiga com a Front (R\$ 8,5 milhões, no total), mas que a responsabilidade pelo atual atraso do 13º é da empresa. Sobre o Proeis, a reitoria estuda nova forma de contratação, “executando o pagamento pelo serviço e repassando o custo às empresas instaladas no campus”. Sobre os carros prometidos à Diseg, o processo está parado no Ministério do Planejamento, que precisa autorizar a compra. Quanto às demais reivindicações da Diseg, a reportagem foi informada que as respostas seriam prestadas pelo prefeito universitário, Paulo Ripper, que retorna de férias na segunda-feira.



SILVANA SÁ

ESTACIONAMENTO cobrança foi medida discutida com comunidade acadêmica como forma de garantir mais segurança. Acesso vai custar R\$ 4

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufjr.org.br

Está previsto para janeiro o início do controle de acesso ao estacionamento do Centro de Tecnologia (CT). O valor será R\$ 4 por entrada com 20 minutos de tolerância. Mensalistas terão desconto, e pagarão R\$ 80 antecipadamente. As condições foram determinadas em licitação e a empresa vencedora foi a Viamil Eireli ME. A empresa tem trinta dias para instalar placas, cancelas, câmeras, sinalização de vagas e afins. A cobrança, de acordo com o superintendente do CT, Nelson Santos, só começa depois de concluídas as adequações previstas no contrato.

A empresa terceirizada deverá controlar as entradas e saídas do estacionamento com sistema de monitoramento e gravação 24 horas por dia, usando câmeras de vídeo coloridas. Segundo o superintendente do CT, essa era uma demanda antiga da comunidade para a redução dos furtos, assaltos e sequestros-relâmpago nos estacionamentos do Centro de Tecnologia.

O superintendente destaca que a

Cobrança de estacionamento do CT começa em janeiro

principal vantagem na mensalidade está no acesso ilimitado à vaga. “No sistema rotativo, o motorista paga cada vez que entra no estacionamento. O mensalista tem acesso liberado quantas vezes quiser”, explica.

Cada mensalista terá direito a cadastrar dois veículos — mas não pode usar os dois carros simultaneamente com o desconto mensal. Decanos e diretores

de centro terão vagas gratuitas.

Para o superintendente do CT, a comunidade não será surpreendida com a cobrança, pois tudo já vinha sendo discutido há mais de um ano. “Houve todo um cuidado na divulgação das informações. Não acredito que tenham surpresas”, justifica. “A proposta passou antes por todas as instâncias colegiadas”.

ASSEMBLEIA DEFINE DELEGAÇÃO DE EVENTO DO ANDES

JOÃO LAET

■ Vinte e cinco professores representam a Adufrj no 38º Congresso do Andes, que acontece de 28 de janeiro e 2 de fevereiro em Belém (PA). A composição da delegação foi aprovada em assembleia de professores da UFRJ realizada em 5 de dezembro.

“Repetimos a metodologia do ano passado para a escolha dos nomes. A Adufrj é a maior seção sindical do Andes e será representada com uma delegação ampla e plural”, avaliou Eduardo Raupp, vice-presidente da Adufrj.

No dia 17 de dezembro, a delegação se reúne no Fundão para debater o caderno de textos do Congresso. O seminário de preparação deve durar o dia inteiro. A data foi definida e aprovada em assembleia. Confira no site a relação completa dos delegados e observadores.

O professor Luis Acosta, da Escola de Serviço Social, divulgou o Fórum Sindical, Popular e da Juventude, iniciativa do Andes e de vários sindicatos para organizar em 2019 um Encontro Nacional da Classe Trabalhadora. **(Silvana Sá)**



ASSEMBLEIA decidiu por delegação plural

CONSELHO DE REPRESENTANTES DISCUTE FUTURO

SILVANA SÁ

■ O último Conselho de Representantes da Adufrj de 2018, no dia 3 de dezembro, teve participação de professores de várias unidades da UFRJ. Um dos assuntos foi a construção da sede própria da Adufrj. Os conselheiros concordaram que a atual estrutura, numa sala cedida pelo Centro de Tecnologia, deixa a Adufrj frágil frente ao próximo governo. Outro assunto foi a campanha de valorização da UFRJ criada pela Adufrj, que já está na rua com os temas: #SouoPr1meiro, #SótemAqui e #UFRJSim. A

última assembleia decidiu incluir um enfoque de valorização dos professores. “Os ataques serão severos contra nós”, ressaltou o conselheiro Carlos Frederico Leão Rocha, da Economia.

O último ponto foi a filiação de novos professores. Os conselheiros debateram um percentual alternativo de contribuição, começando abaixo dos 0,8% habituais, para docentes que ingressaram a partir de janeiro de 2013. O tema precisa ser discutido em assembleia. O Conselho terminou numa confraternização.



CONSELHO: sede própria e filiação em debate

CAPELA SÃO PEDRO, JOIA EM RESTAURAÇÃO

>Primeira fase da obra da capela é concluída depois de três anos de trabalho. Construção de 1852 havia sido destruída por incêndio em 2011

KATHLEN BARBOSA
kathlen@adufRJ.org.br

Depois de três anos de trabalho, chega ao fim a primeira fase da restauração da Capela São Pedro de Alcântara, no Palácio Universitário da Praia Vermelha. Construída em 1852 e tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Capela havia sido destruída por um incêndio em 2011.

Foram necessários 50 operários para concluir a obra, que engloba a restauração de telhados e fachadas do Palácio. “Conseguimos recuperar os vidros da claraboia da entrada, as colunas e a pintura artística do forro. Estamos nos arremates”, explicou o arquiteto Paulo Bellinha, coordenador de Preservação de Imóveis Tombados do Escritório Técnico da Universidade (ETU/UFRJ).

A obra trouxe soluções para problemas que incomodavam professores e alunos. “O projeto previa claraboias para facilitar o acesso ao telhado, manter a iluminação no forro e espantar morcegos que eram sempre motivo de reclamação”, acrescentou Bellinha.

A expectativa para 2019 é concluir a restauração da ala central do palácio. “Pre vemos nova licitação para 2019 e aguardamos orçamento. Dependemos exclusivamente de dotação orçamentária da UFRJ”, comentou o arquiteto. O interior da capela ainda está destruído, sem previsão de liberação para visitas.

Quando pegou fogo, a capela passava por um processo de restauração. A tragédia começou durante um teste de solda realizado pelos operários enquanto a fiscalização estava na hora do almoço. “Eu era o fiscal da obra na época. Foi superduro. Fui chamado no almoço,

vim correndo e quando cheguei estava pegando fogo. Não tinha o que fazer, era observar. Ficou uma semana pegando fogo e todo dia a gente vinha aqui com os bombeiros”, completou Bellinha.

Cenário de filmes e novelas, a capela era utilizada para celebrar casamentos. “As agendas ficavam cheias, tinha fila de espera de 2 a 3 anos. Foi uma perda enorme, sem contar os recursos que ajudavam na manutenção”, contou Valternei Lima, gerente administrativo do Fórum de Ciência e Cultura (FCC/UFRJ), órgão responsável pelo patrimônio.

“Muita coisa se perdeu. Após o incêndio, foi contratada emergencialmente uma empresa que recuperou muita coisa”, acrescentou. Entre elas, uma sobrevivente: a imagem de Nossa Senhora da Conceição, em restauro na Escola de Belas Artes, sobreviveu também ao incêndio da Reitoria em 2016.

PRÊMIOS PARA PROFESSORES E ALUNO DA UFRJ

■ Quatro professores da UFRJ receberam a Ordem Nacional do Mérito Científico, concedida pelo governo brasileiro. A honraria premia personalidades que contribuíram para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Os premiados são Amilcar Tanuri, do Instituto de Biologia; Alexander Kellner, diretor do Museu Nacional; Débora Foguel, do Instituto de Bioquímica Médica; e Vivaldo Moura Neto, do Instituto de Ciências Biomédicas. A entrega aconteceu no dia 17 de novembro, no Palácio do Planalto, em Brasília. Débora Foguel disse que o

prêmio é um reconhecimento à sua carreira, construída na UFRJ: “É importante que mulheres recebam esse e outros prêmios, pois ainda é grande o nosso gap de mulheres na participação política e na economia”.

Um aluno da UFRJ também foi premiado: Igor Soares, do 3º período de Comunicação, venceu o 13º Prêmio Santander Jovem Jornalista, parceria com o Grupo Estado. Ele escreveu uma reportagem sobre ressocialização de internos em SP. Passará um semestre na Universidade de Navarra, na Espanha, em 2019.

DIVULGAÇÃO



PREMIADOS: Amilcar Tanuri, Débora Foguel, Alexander Kellner e Vivaldo Moura Neto